

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Muitas vitrines estão se abrindo para o cinema brasileiro no exterior, depois de duas presenças consecutivas de nossos medalhões autorais – “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, e “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho – no Oscar, a começar da maciça presença de produções nacionais (12 filmes e uma série) na Berlinale, em fevereiro. Dois longas-metragens inéditos se impõe como potenciais escolhas para o Festival de Cannes: “Canção da Noite”, de Maya Da-Rin, e “Leila et La Nui”, de Felipe Barbosa. O anúncio oficial dos concorrentes à Palma de Ouro será feito no dia 9 de abril. Antes disso, no dia 7, “Fernanda Abreu – Da Lata, 30 Anos”, de Paulo Severo, e “Querido Mundo”, de Miguel Fabelba e Hsu Chien Hsin, abrem o Festival du Cinéma Brésilien de Paris, na capital francesa.

Já no Reino Unido, uma iniciativa conjunta do British Council e do Instituto Guimarães Rosa, levará à Inglaterra uma das mostras mais completas de longas com CEP no Brasil que a Europa já viu. A maratona decorre de 1º de maio a 30 de junho, com sessões e eventos presenciais e uma coleção online disponível para a cinefilia inglesa no BFI Player, a plataforma do British Film Institute.

As curadoras dessa imersão, chamada Brazil on Film, Renata de Almeida e Adriana Rouanet, gravitam por tempos distintos de nossa arte, a percorrer experimentos singulares (como “Limite”, de Mário Peixoto, de 1931), passando por exercícios de ruptura e de renovação, o que inclui o filé da Retomada, de 1991 a 2010. “Também Somos Irmãos” (1949), de José Carlos Burle – um dos primeiros longas brasileiros a abordar diretamente o racismo – e pilar da estética glauberiana “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964) integram a retrospectiva, que levará o complexo cultural BFI Southbank, na Belvedere Road (na margem sul do rio Tâmisa) a respirar cinema brasileiro todos os dias. No dia 12 do mês que vem, elas farão por lá um bate-papo sobre o desenho curatorial seguido de sessão de “Terra Estrangeira” (1995), de Daniela Thomas e Walter Salles.

Responsável por modernizar nosso cinema, Nelson Pereira dos Santos, que nos deixou em 2018, será evocado com seu “Vidas Secas” (1963), numa ponte com a literatura. Por essa mesma trilha literária, passam (cada um com seu estilo) “São Bernardo” (1972), de Leon Hirszman, e “A Dona Flor e Seus Dois Maridos” (1976), de Bruno Barreto.

A programação se abre para perspectivas da região Norte,



Divulgação

‘Também Somos Irmãos’ aborda a dor do racismo institucional no Brasil dos anos 1940

Portas (e telas)

abertas para o Brasil



Divulgação

‘O Menino e o Mundo’ mostra ao BFI Southbank que o Brasil anima bem pacas



Divulgação

Zé do Caixão também vai baixar no Reino Unido, no Brazil on Film, com longas de José Mojica Marins

numa triagem dos polos criativos da Amazônia. O onipresente “Iracema: Uma Transa Amazônica” (1975) – que pôs Paulo César Perreio na boleia de um caminhão – volta a ser convocado. Ao lado dele aparecem “Noites Alienígenas” (2022) e “O Pai e o Xamã” (2025), num empenho de se debater identidade, deslocamento e resistência.

Estandartes da invenção como José Mojica Marins, Ozualdo R. Candeias e Rogério Sganzerla não foram esquecidos, nem o mestre do documentário Eduardo Coutinho (e seu “Cabra Marcado Para Morrer”). A evocação ao conceito de maestria se aplica ainda à participação de “Bye Bye Brasil” (1979), de Carlos Diegues, que nos deixou em fevereiro de 2025.

A temporada também destaca

perspectivas indígenas e amazônicas, com títulos como Iracema: Uma Transa Amazônica (1975), Noites Alienígenas (2022) e O Pai e o Xamã (2025), explorando identidade, deslocamento e resistência.

Falando em saudade, um foco especial é dedicado ao cineasta argentino naturalizado paulista Hector Babenco, que completaria 80 anos em 2026. Da obra dele, foram pinçados |O Beijo da Mulher Aranha| (1985), |Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia| (1977) e |Pixote: A Lei do Mais Fraco| (1980). Convocou-se ainda o documentário “Babenco: Alguém Tem que Ouvir o Coração e Dizer: Parou” (2019), de Bárbara Paz.

Tem filme para criança? Como não. “O Menino e o Mundo” (2013), que venceu o Festival de Annecy e levou o animador Alê Abreu a concorrer ao Oscar, será projetado. Também vai passar “Chico Bento e a Goiabeira Mágica” (2024), de Fernando Fraiha, que vendeu um milhão de ingressos em 2025.

O BFI Player entre em sintonia com as exposições do Southbank, e se abre para os premiados “Medusa” (2021) e “Tinta Bruta” (2018), sem esquecer de clássicos como “Macunaíma” (1969) e “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver” (1967). Os ingressos para maio começam a ser vendidos em 7 de abril para patronos do BFI; 8 de abril para sócios; e 10 de abril para o público em geral.